

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ALLAN DWAN

14 de Dezembro de 2021

MANHANDLED / 1924

ESCRAVIZADA

um filme de ALLAN DWAN

Realização: Allan Dwan *Argumento:* Frank W. Tuttle *a partir de uma história de* Arthur Stringer, Sidney R. Kent *Fotografia:* Harold Rosson *Montagem:* Julian Johnson *Guarda-roupa:* Gilbert Clark (*não creditado*) *Supervisão de montagem:* William LeBaron *Interpretação:* Gloria Swanson (Tessie McGuire), Tom Moore (Jim Hogan), Lilyan Tashman (Pinkie Moran), Ian Keith (Robert Brandt), Arthur Housman (Chip Thorndyke), Paul McAllister (Paul Garrettson), Frank Morgan (Arno Riccardi), Pierre Collosse (Bippo), Marie Shelton (Modelo), Carrie Scott (Senhoria), Frank Allworth (um hóspede), Ann Pennington, Brooke Johns (eles próprios).

Produção: Paramount Pictures (Estados Unidos da América, 1924) *Produtor:* Allan Dwan *Apresentam:* Adolph Zukor, Jesse L. Lasky *Cópia:* DCP, preto-e-branco, muda, intertítulos em inglês e legendas electrónicas em português, 58 minutos *Estreia:* 22 de Julho de 1924, nos EUA *Estreia comercial em Portugal:* 9 de Fevereiro de 1928 *Primeira apresentação na Cinemateca.*

COM ACOMPANHAMENTO AO PIANO POR DANIEL SCHVETZ

Um belo filme, com um belo, belo arranque à altura dos pés e daí até ao metropolitano de Nova Iorque para uma bela, bela sequência apinhada de gente e de graça. Allan Dwan havia de filmar a cidade atarefada das suas ruas mais populares e elevada às alturas arquitectónicas da sua célebre silhueta em *East Side, West Side* (1927), o melodrama de Manhattan que tanto se recomenda. Em *Manhandled*, filmado nos estúdios de Nova Iorque da Paramount e em exteriores da cidade com drama, romantismo e sobretudo comédia, está o espírito de NY e cenas tão icónicas como a da viagem de metro de Tessie McGuire, a personagem da jovem lojista em que Gloria Swanson resplandece. Começa, aliás, por resplandecer no plano dos créditos, com o nome “above the title” em que se lê, em corpo de letra decrescente: *Gloria Swanson em Manhandled uma produção Allan Dwan.*

A actriz teve um encontro de vários filmes com o realizador nos anos 1920 que antecederam a sua chegada à United Artists, o estúdio fundado em 1919 por D.W. Griffith, Charles Chaplin, Mary Pickford e Douglas Fairbanks ao qual esteve ligada entre 1925 e 1933 aparentemente com menos proveito do que esperaria. Aos da Essanay, Keystone e Triangle (entre 1914 e 1918), sucedera o vínculo com a Famous Players-Lasky/Paramount Pictures (entre 1919 e 1926), pela altura em que Allan Dwan, um andarilho entre estúdios, por lá parava também. Para ele, que assim os descreve, os anos Paramount foram de comédias e dramas ambientados na alta sociedade, onde Swanson brilhava como estrela romântica sob a sua direcção desde *Zaza* (1923), igualmente realizado nos estúdios de Nova Iorque. Dizem os registos que brilhava intensamente correspondendo esse período ao de um segundo grande fôlego na sua vida de actriz. Na autobiografia (*Swanson on Swanson*,

1981), Swanson corrobora ao afirmar que, nessa época, Nova Iorque lhe devolveu a frescura que perdia em Hollywood.

A jovialidade, a energia de Tessie demonstram-no bem, permitindo à atriz vestir a pele de uma rapariga trabalhadora que mastiga pastilha elástica com evidente gosto e até há-de brincar com a pose aristocrata quando se faz passar por condessa russa em resposta a um terceiro desafio laboral: depois de trocar o grande armazém em que trabalha pelo atelier de um artista, experimentando a via de modelo para ganhar a vida, Tessie aceita a proposta de um faz de contas contratado pelo proprietário de uma casa de chá em voga na cidade. Os três empregos da rapariga, genuinamente apaixonada pelo namorado pobre, de porte rude e franco, um mecânico diurno-taxista nocturno que entretanto vai tentar a sorte na indústria automóvel em Chicago, correspondem a três tangentes, na sua vida, com homens de porte mais elegante, carteira mais recheada e menos escrupulosos do que o seu *Babe*, como trata Jim Hogan (interpretado por Tom Moore), que por sua vez a trata por *Kid*. Uma miúda e o querido dela, portanto. Paul Garrettson, Robert Brand e Chip Thorndyke (também há Riccardi) são os três nem sempre tristes trastes – pequenos trastes, vá – com que Tessie se cruza ficando a conhecer a distância entre a cavalaria e a realidade que o cartão inicial sinaliza. “Devem ser todos membros do mesmo clube”, diz ela a dada altura, rememorando como cada um a vai prevenindo sobre os problemas de cada outro com o sexo oposto (“Um tipo incrível, mas horrível com as mulheres”).

Em 1925, e mesmo num filme como *Manhandled* que não moraliza muito nem ilude a exposição ao abuso classista e de género de uma rapariga como Tessie, alvo de assédio nas suas formas sub-reptícia e fisicamente violenta, não seria de esperar que Gloria Swanson apregoasse o combate feminista. De facto não apregoa, mas também não se deixa encurralar num papel de vítima, o que vai muito bem com a alma não conformista da personagem. Uma rapariga nova, esgotada como assalariada de um emprego de que não gosta e que tem um único pedido a fazer ao namorado, como numa canção pop mais tardia, “Take me out tonight”. À atriz, a personagem de *Manhandled* permitiu por sua vez a experiência directa de ser empregada de loja preparando-se para o papel in loco por sugestão do seu realizador (muito antes dos ensinamentos do Actor’s Studio claro está). Vale a pena parar numa citação bem-humorada que remete para a perspectiva de Dwan (em conversa com Peter Bogdanovich, em *The Last Pioneer*, 1971, tradução de LMO):

“Gosto de todos os filmes que fiz com Gloria Swanson mas talvez *Manhandled* seja o meu preferido – não me lembro é porquê. Ela era sempre perfeita – e encantadora, em cena, fora de cena, em qualquer lado – e impecável. (...) Mas a Gloria nunca tinha trabalhado numa loja, muito menos num departamento de saldos. Decidi que a melhor maneira de a fazer entrar na personagem era encontrar-lhe um emprego numa loja de saldos e deixá-la aprender. Então, arranámos-lhe um emprego no Macy’s, e ela pôs-se o mais simples e normal possível – e claro que apanhou uma tarefa enorme. (...) Depois apareceu alguém do estúdio que a reconheceu e a chamou pelo nome, o que gerou um pandemónio, e ela ficou sem emprego. Mas a história também exigia que a personagem andasse de metropolitano – o que era, claro, um purgatório. (...) A Gloria nunca tinha andado de metro nem conseguia imaginar como seria, então vesti-a da maneira mais simples, sem maquilhagem, com a roupa mais horrivelmente cómica que encontrei, e fomos andar no metro entre a Grand Central e Times Square. Ninguém lhe prestava atenção. Esperei por um comboio apinhado, empurrei-a lá para dentro, e deixei-a lá. Sempre que tentava sair, a multidão voltava a empurrá-la para dentro, deve ter feito aquele percurso para a frente e para trás umas dez vezes. (...) Quando finalmente conseguiu sair em Times Square e subiu para a rua, entrou num táxi e mal disse

'leve-me para...' o taxista disse 'pira-te, mana, pira-te'. Ela pediu 'leve-me para o hotel tal e tal' e ele 'vá, desaparece, não te ponhas com brincadeiras'. E ela: 'Eu sou Gloria Swanson e quero ir para o meu hotel.' E ele: "Pá, e eu sou o Valentino, portanto desaparece daqui ou chamo a polícia." (...) Nunca me perdoou por aquilo. Fez tudo o que podia para se vingar – um monte de partidas que eram típicas dela. Mas conseguiu endoutriná-la, e o que ela fez na cena do metropolitano é fantástico. As pessoas uivavam a rir. Ela sabia bem o que estava a fazer."

Sabiam os dois. Voltamos ao metropolitano, que em bom rigor começa antes, na saída da loja. A cena é efectivamente muito boa: os primeiros planos de "pés cansados", "mãos cansadas" podiam ser uma saída de fábrica, podem até sem grande delírio ser aproximados de um outro filme de 1927, o FC expressionista filmado em alemão por Fritz Lang, que se inspirou em Nova Iorque para a cidade de *Metropolis* onde os operários das catacumbas têm uma marcha mecânica e há uma espécie de grande relógio operado manualmente. Mas com Allan Dwan estamos mesmo em Nova Iorque. Tessie McGuire, a rapariga que pica o ponto, "é um dos rostos da multidão" trabalhadora para quem não há facilidades. A empatia do olhar reclama, no caso, a comédia que vai tomando conta da sequência, gloriosamente interpretada pela atriz, a sua extraordinária indumentária, a sua mímica, uma evidente aliança cúmplice com o realizador. É possível que esta seja a melhor sequência em transportes públicos do cinema dos anos 1920, muito, muito divertida a partir do momento em que Tessie chega à estação de metro na roda-viva da hora de ponta que a atropela antes de conseguir entrar e a espreme e comprime e sacode uma vez na carruagem. A coreografia dos corpos, que põe em evidência a fragilidade física da rapariga em termos comparativos, e permite o gag do chapéu chamativo que se lhe enterra na cabeça numa luta entre cabelo, brincos e o "cacho de uvas" que ornamenta o chapéu, enquanto a mala se abre, os pés se pisam, etc., é um pequeno achado.

A história deste filme parece ter começado literalmente no título. *Manhandled, maltratada* ou vítima de maus-tratos, alvo de força bruta, digamos assim (e nada que ver com a "escravidão" do título português, já é um clássico...), terá dado o mote à história. Entre os pingos do drama romântico, com os seus quiproquós (e o belo motivo do enquadramento à janela que dá para as traseiras proletárias do prédio onde habitam os protagonistas), entre o que é e não é explorado acerca do abuso, e os seus estragos, o filme é atizado pela comédia. A divertida cena em que Tessie imita a personagem de uma aristocrata russa (que depois encarna como emprego) terá tido uma cena-gémea, descartada da montagem final e aparentemente desaparecida desde então. É pena porque seria uma cena em que Gloria Swanson imitava Charlie Chaplin vinte e cinco anos antes de o ter feito como Norma Desmond em *Sunset Boulevard* e os relatos existentes de Dwan, de Swanson, indicam como espirituosa. Acredita-se que seria.

Maria João Madeira